

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/multi.v27i67.3677>
Recebido em: 22/03/2022; aprovado para publicação em: 09/05/2022

**Anotações sobre os três *topoi* na obra “Meditações”, de
Marco Aurélio**

***Notes on the three topoi in “The Meditations” by Marcus
Aurelius***

***Notas sobre los tres topoi en “Las Meditaciones” de Marco
Aurelio***

Thiago Ernesto Silva Zanini¹
Márcio Bogaz Trevisan²

¹Graduando de Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: tzanine2@gmail.com,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5799-8674>

²Doutor em Filosofia pela Universidad Catolica Argentina (UCA). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Especialista em Teologia pelo Centro Universitário de Adamantina (UNIFAI). Bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehonina, em Taubaté, SP. Licenciado em Pedagogia pela Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN). Coordenador do Grupo de Filosofia e Teologia Cristã, vinculado ao Laboratório de Humanidades (LabuH) e ao Programa de Pós-Graduação de mestrado e doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professor de Filosofia, Teologia, Humanidades e orientador de TCC dos cursos de Pós-Graduação (Lato Sensu) na UCDB. E-mail: trevizan.marciob@gmail.com,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6839-788X>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os três Topoi estoicos, tendo como base as reflexões que Pierre Hadot propôs a respeito da obra do imperador e filósofo Marco Aurélio. Como referencial teórico, adotamos as contribuições de Hadot (2009; 2014), Almeida (2011), Aurélio (2002), dentre outros. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica e documental, aliada à análise de conteúdo. Nossas investigações dão conta de que a escola estoica, ao situar sua área de atuação e reflexão nos Topoi, almeja atingir a integridade do homem e de suas relações com a natureza universal, com os demais seres humanos e, por fim, com a sua própria consciência e as regras adotadas para a formulação dos juízos. Dessa forma, o imperador filósofo expõe suas “Meditações” envolvendo tanto o seu contexto político próprio quanto o propriamente filosófico, evidenciando que sua adesão ao estoicismo se tornou um estilo próprio de viver.

Palavras-chave: estoicismo; desejo; ação; emoções.

Abstract: This article aims to present the three stoic Topoi, based on the reflections that Pierre Hadot proposed about the work of the emperor and philosopher Marcus Aurelius. As a theoretical framework, we adopted the contributions of Hadot (2009; 2014), Almeida (2011), Aurélio (2002), among others. The methodology used will be bibliographic and documentary research, combined with content analysis. Our investigations show that the stoic school, by placing its area of action and reflection in Topoi, aims to achieve the integrity of man and his relationships with universal nature, with other human beings, and, finally, with his own conscience and the rules adopted for the formulation of judgments. In this way, the philosopher emperor exposes his “Meditations” involving both his own political context, as well as a philosophical one, showing that his adherence to stoicism became his own way of living.

Keywords: stoicism; desire; action; emotions.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar los tres Topoi estoicos, a partir de las reflexiones que propuso Pierre Hadot sobre la obra del emperador y filósofo Marco Aurelio. Como marco teórico, adoptamos los aportes de Hadot (2009; 2014), Almeida (2011), Aurélio (2002), entre otros. La metodología utilizada será la investigación bibliográfica y documental, combinada con el análisis de contenido. Nuestras investigaciones muestran que la escuela estoica, al situar su ámbito de acción y reflexión en los Topoi, pretende alcanzar la integridad del hombre y sus relaciones con la naturaleza universal, con los demás seres humanos y, finalmente, con la propia conciencia y las normas adoptadas para la formulación de sentencias. De esta forma, el filósofo emperador expone sus “Meditaciones” que involucran tanto su propio contexto político como el filosófico, mostrando que su adhesión al estoicismo se convirtió en su propia forma de vivir.

Palabras clave: estoicismo; deseo; acción; emociones.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, inserido no projeto de PIBIC “Pierre Hadot e a Filosofia como maneira de viver: consciência de ‘ser-no-mundo’”, tem como objetivo principal analisar o estoicismo em seus três períodos (antigo, médio e tardio) e suas implicações na construção filosófica grega. Marco Aurélio¹, sendo imperador de Roma do ano 161 d.C. até 180 d.C., tem uma vasta importância no desenvolvimento dos estoicos, devido, entre outros fatores, a ele, enquanto político, declarar sua adesão a esta filosofia, a promovê-la e incentivá-la financeiramente, de tal forma que muitas escolas são construídas sob o seu patrocínio. Em seu governo, também está presente uma das principais obras desta última fase do estoicismo, que são suas próprias meditações ou reflexões pessoais. Sua escrita, que mescla a reflexão e a parte governamental, está estruturalmente composta por um sistema terciário de sentenças, que fora apropriado de seu professor Epiteto.

¹ Marco Aurélio (Marcus Aurelius Antoninus Augustus) nasceu em 121, em Roma, e morreu em 180. Foi imperador romano entre os anos de 161 e 180, sendo o quarto imperador da dinastia dos Antoninos. Ao analisar sua vida, tem-se que esta é marcada por familiares envolvidos no governo. Em sua genealogia, vê-se que seu avô paterno era cônsul e prefeito de Roma e sua avó materna herdou uma grande fortuna, que o fizera adquirir um grande prestígio social e uma grande base filosófica. Sua vida política tem início já em suas bases estruturais, uma vez que sua tia paterna se casou com Antonino Pio, o qual foi imperador romano de 138 a 161, sendo o Quarto dos chamados “cinco bons imperadores”, sucedendo Adriano. Ao ficar órfão ainda jovem, Marco Aurélio foi adotado pelo tio, Antonino Pio, trazendo a sua genealogia à sucessão imperial. Nessa época, Marco Aurélio foi três vezes cônsul e casou-se, em 145, com a filha do imperador Antonino, Faustina, conhecida como A Jovem. Em 147, Marco Aurélio recebeu o “Imperium” e a “*Tribunicia potestas*”, os maiores poderes formais do império. Em 161, Marco Aurélio assumiu o trono, juntamente a Lúcio Vero, sucedendo Antonino Pio. Entre 162 e 166, Marco Aurélio e Lúcio Vero guerrearam contra os partos (a chamada Campanha Parta de Lúcio Vero), que invadiram a Síria, incluindo o saque de Ctesifonte, a capital parta, onde os romanos que voltaram vitoriosos acabaram trazendo a peste, causando elevada mortandade. Em 169, acontece a morte de Lúcio Vero, ocorrida subitamente pela peste, fazendo com que Marco Aurélio assumisse como único imperador de Roma, buscando restaurar a fronteira do Danúbio e pacificar as províncias do Oriente. Em 177, seu filho Cômodo passou a auxiliá-lo no governo, dando continuidade, com ele, às guerras do Danúbio. Seu governo foi marcado por inúmeras batalhas e diversos problemas, todavia Marco Aurélio é citado como um homem misericordioso com os inimigos e justo nas suas decisões. Seus diversos escritos foram reunidos em um diário conhecido como “Meditações”. Veio a falecer em 180 e deixou seu filho como sucessor.

Pode-se questionar como um imperador romano conseguiu refletir e pontuar a vida de maneira tão extraordinária? É nítido um encantamento, pois somente um apaixonado pela filosofia pode falar com tanta ênfase. Seu texto está vinculado a três pontos nítidos: o cosmos (primeiro *topoi*); a relação com os demais seres humanos e a necessária interdependência (segundo *topoi*); e a própria relação pessoal, em que ele perscruta até a formulação de nossos pensamentos e juízos próprios (terceiro *topoi*). Pode-se assim afirmar que Marco Aurélio objetiva fazer da vida do homem um profundo encontro consigo, mediante as instâncias necessárias para essa execução, almejando obter o estado de ataraxia, de modo que seguir o estoicismo seja muito mais que aderir a uma teoria abstrata contemplativa, mas promovê-la a partir de um compromisso filosófico que tem como meta o exercício moral, englobar e purificar toda a nossa vida, desde nossos desejos, passando pelas nossas tendências voluntárias e interiorizando até nossas representações.

2 O ESTOICISMO ROMANO

Há muito se acentua a importância que a Filosofia Antiga possui para toda a história da civilização, por abarcar princípios que permeiam todas as áreas do saber, abordando não só temáticas da metafísica, mas envolvendo a lógica, a física e a ética. Com a sucessão temporal, ela se incorpora nas mais variadas formas de analisar a realidade em que se vive e responde aos questionamentos sobre a vida do homem e de suas relações.

A filosofia tem na Grécia seu ponto de partida. Há uma questão primordial: descobrir as origens de todas as coisas. Essa indagação se inicia com o pensamento pré-socrático, que a partir da *physis*² tenta encontrar o princípio originário de todas as coisas, isto é, a *arché*³. Dentre os inúmeros expoentes que emergem neste período, cabe destacar a figura de Heráclito (570 a.C. – 470 a.C.), que expõe na base de seu pensamento o princípio da mudança e, vinculado a ela, a contínua transformação, tendo como elemento

² Por *physis* se compreende o princípio, isto é, a natureza, de onde se origina todo o princípio da evolução.

³ Característica essencial dentro da filosofia pré-socrática, em que a *arché* estaria associada ao elemento basilar de que, a partir dela, deveriam existir todos os outros elementos do mundo, ou seja, a substância inicial de onde tudo se deriva.

primordial o fogo, por ele ser sinal desta continua transitoriedade das coisas. Sua ideia é fundamental e está presa a uma base sólida de diversas outras filosofias, sendo uma delas o próprio estoicismo⁴.

Com isso, a Grécia Antiga foi se incorporando à cultura greco-romana, devido, entre outras razões, às guerras lideradas por Alexandre Magno⁵ (356 a.C. – 323 a.C.), anexando não só o território, mas também as filosofias ali presentes de caráter reflexivo, originário e imanente, com explicações que abrangiam também traços metafísicos. Dessa forma, justifica-se o fato de o estoicismo romano ter fortes influências do pensamento grego.

Com essa “penetração romana, a filosofia se dispersa, tornando-se helenística” (FRANCA, 1964, p. 61), e, dentro das diversas novas formas de analisar o mundo, aparece o estoicismo como uma de suas principais escolas. Sua duração está associada a três fases: o período antigo (séc. 3 – 2 a.C.), o período médio (séc. 2 a.C.) e o período tardio ou romano (séc. 2 a.C. – séc. 1 a.C.). Essa evolução da escola filosófica se dá em grande parte por sua popularidade, visto que “o Estoicismo foi a filosofia que, em Roma, sempre teve maior número de seguidores e admiradores, tanto no período republicano como no período imperial” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 325). Sua “popularidade” se justifica devido à fácil adequação com que o povo aderiu aos princípios de materialismo⁶ e fatalismo⁷ presentes nessa corrente.

Sendo Roma o centro dessa filosofia⁸, já havia a presença de outras correntes filosóficas, dentre as quais cabe citar o platonismo⁹, que influenciou

⁴ Doutrina fundada por Zenão de Cítio, caracterizando-se por uma ética em que se trabalha a imperturbabilidade, o fim das paixões e a aceitação dos destinos.

⁵ Alexandre, o Grande, foi rei do reino grego antigo, conhecido como um dos maiores conquistadores de territórios, por abranger terras desde a Macedônia até a Índia.

⁶ O mundo, para os estoicos, era como um imenso ser vivo, e Deus é a razão imanente deste. Com isso, essa corrente filosófica relata que tudo está dentro do campo da matéria.

⁷ Já na Filosofia Estoica o tema do destino está presente. Nessa crença, existe uma ordem cósmica, ou seja, existe no universo um princípio passivo (a matéria) e um princípio ativo (o logos) que governa e preside a vida rotineira do homem.

⁸ O estoicismo tem vasta visibilidade apenas nessa sua terceira fase, graças a Epiteto (50 d.C. – 135 d.C.) e Marco Aurélio (121 d.C. – 180 d.C.), sendo que de Zenão (340 a.C.- 264 a.C.), que é o fundador dessa escola, há poucos escritos.

⁹ Uma característica marcante da filosofia platônica é a “descoberta” do mundo suprasen-

principalmente as reflexões sobre a vida moral e as analogias que associam o mundo a uma imitação de Deus, e também a figura de Posidônio de Apaméia¹⁰ que introduz na sociedade grega, os valores romanos estoicos, aceitando, porém todos os Deuses e cultos, a astrologia e a adivinhação (NOVAK, 1999).

Com isso, a teologia¹¹ ganha uma nova perspectiva dentro do Império Romano. Tal fato se dá principalmente pelos estoicos atribuírem às divindades características imanentes, isto é, existe uma religião politeísta materialista no Império. A religião ganha força na análise conceitual, premissa esta que permite vislumbrar que o cristianismo buscará bases em princípios estoicos. No estoicismo romano, existe um rompimento com as mitologias e os deuses. Isso acontece porque a religião passa a não ser “um dado metafísico; a presença dos deuses, suas vontades e desígnios eram dados tão reais, embora esporádicos e misteriosos, quanto os fatos mais comuns da vida cotidiana” (COSTA; VENTURINI, 2013, p. 3). Vale ressaltar que, a partir de uma análise sistemática, o período helenístico sobressai à ideia de meramente incorporar culturas e tradições, mas tem um intuito de proporcionar aos “indivíduos desorientados alguma forma de paz de espírito, alguma forma de felicidade interior em meio às atribuições e desgraças da época” (COTRIM, 1996, p. 115), uma vez que as buscas por território, riquezas e domínio acompanham a história da humanidade desde suas primeiras constituições.

Diante do que foi apresentado, cabe destacar que muitos princípios do estoicismo romano são retratados nos ideais do Imperador Marco Aurélio, que não só governou este povo, mas o admoestou no caminho da filosofia¹²,

sível, ou seja, ele traz uma comparação entre “mundo sensível” e o “mundo das ideias”.

¹⁰ Participou da vida pública e dedicou-se não apenas aos estudos da filosofia, mas à geografia e à astronomia. Reúne diversas correntes dentro do monismo estoico.

¹¹ A filosofia antiga, e, de maneira especial, a filosofia platônica, está intimamente associada a ideais que escapam dos sentidos, fruto este já observado anteriormente aos filósofos com a mitologia, em que muitas características humanas são “potencializadas” e associadas às divindades.

¹² Numa análise da filosofia grega, tem-se que Platão defende a ideia de que somente os filósofos, por amarem a verdade e se debruçarem sobre ela, poderiam governar o povo, por serem capacitados para atingir o mais alto grau de conhecimento- este presente no mundo das Ideias.

trazendo um reavivamento da “ortodoxia estoica, sobretudo quando procura fundamentar a distinção entre o homem e as outras coisas, a tangência do homem com os deuses” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 331), contrapondo a grande corrente de nulidade que os romanos estavam tendo, esvaziando os valores que outrora possuíam e afirmando que tudo tinha um valor nulo e vazio. O estoicismo romano nasce, portanto, desta relação entre os homens que, em Roma, mantinham amizades comuns e debatiam sobre essa filosofia, e o governo, que adere livremente às suas aspirações, ao ponto que, após a morte de Marco Aurélio, inicia-se o declínio final desta corrente filosófica.

3 AS MEDITAÇÕES DE MARCO AURÉLIO

A obra “Meditações” foi escrita por Marco Aurélio, provavelmente entre os anos 170 d.C. a 180 d.C., quando esteve em Sírmio¹³. Em sua magnífica obra, ele apresenta seus pensamentos pessoais, defronte às mais diversas realidades. Embebecido e devoto dos ideais estoicos, percebem-se características de seus professores Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) e Epiteto (55 d.C. – 135 d.C.) como a forma de abordar os problemas de maneira prática e fiel aos acontecimentos cotidianos, ao ponto de ele resumir e revelar nesta obra uma espécie de “diário íntimo, no qual o imperador abria a sua alma” (HADOT, 2014, p. 134).

Diante disso, cabe, numa análise histórica, trazer a ideia de que esse diário está situado dentro da terceira fase do estoicismo e já próximo do sucumbir da vida do imperador. Sua reflexão filosófica está associada, em primeira instância, à ideia de que, no caminho da vida, existem pessoas que nos auxiliam, motivam e inspiram para sermos quem somos. Isso se destaca, por exemplo, quando ele traz a figura de Antonino Pio¹⁴ (86 d.C. – 161 d.C.), o qual denomina de pai, enaltecendo sua importância para sua vida ao

¹³ Atual Sremska Mitrovica, conhecida como uma cidade da antiga província romana da Panônia, uma das quatro capitais do império (sendo as outras: Augusta dos Tréveros, atual Tréveris; Mediolano, atual Milão; e Nicomédia, atual Izmit).

¹⁴ Imperador romano, de 138 a 161. Denominado de Pio, pelo fato de ter insistido na deificação de seu sucessor.

relatar: “as qualidades que eu admirava no meu pai eram a sua brandura, a sua firme recusa em se desviar de qualquer decisão a que tinha chegado, a sua completa indiferença às falsas honrarias” (AURÉLIO, 2002, p. 31).

As “Meditações” trazem, em toda a obra, a ideia necessária de um domínio do discurso interior, isto é, de como o indivíduo, enquanto tal, representa, decide e vê a si mesmo e a realidade em que se vive. Marco Aurélio, nesse contexto, escreve seu “diário” em sintonia com essa filosofia, e, por isso, “[...] o leitor acaba encontrando a fórmula impressionante ou comovedora que parece falar por si mesma sem ter necessidade de exegese nenhuma. É, de fato, um livro que não pode ser lido de uma vez” (HADOT, 2013, p. 25, tradução nossa)¹⁵. Isso justifica a popularidade da filosofia de Marco Aurélio, que gera no leitor contemporâneo, de maneira particular, ao ler suas meditações, uma espécie de remédio para a dor que está sentindo.

Nessa perspectiva, ele tem o intuito de atingir a máxima pregada pelo estoicismo: a liberdade, ou seja, deve-se bem viver o momento presente e viver cada dia como o primeiro e o último de toda a vida. Vive-se bem a temporalidade quando se está em paz e não preso a imposições, de forma que “[...] a importância das coisas provém tão somente de nossa opinião. Se dominarmos nossas opiniões seremos senhores do universo” (CÂMARA, 2014, p. 7). Assim, desenvolver-se-á a máxima estoica, ou seja, o conceito da ataraxia¹⁶, ou a ausência de perturbação.

O intuito de Marco Aurélio, ao deixar por escrito suas reflexões, como uma espécie de diário, está na razão de realçar a dimensão moral que seu governo adota. Por isso, ele enfatiza, em sua obra, a concepção profundamente humanística, sendo predominante “um senso profundo de compaixão pelos prevaricadores que agem mais por ignorância do que por malícia” (FERACINE, 2011, p. 49). Suas reflexões estão intimamente situadas dentro do “cercado” do estoicismo, prezando por alguns interesses próprios, entre os quais cabe citar: a ética, os problemas físicos e lógicos

¹⁵ “[...] el lector acaba encontrando la fórmula impresionante o conmovedora que parece hablar por sí misma sin tener necesidad de exégesis alguna, Es, de hecho, un libro que no puede leerse de una vez”.

¹⁶ Ataraxia ganha grande destaque nos textos deste período, por se tratar de um tema tão caro à filosofia helênica, que abrange a vida de maneira tranquila e serena.

voltados à divindade, a difusão de preceitos evangélicos e a aproximação ou até a imitação da divindade¹⁷.

Marco Aurélio não definiu o gênero literário de sua obra, nem ao menos um título; por isso, gera-se um questionamento diante do receptor dessa sua mensagem. Ao analisar a estrutura, tem-se que, tirando o primeiro capítulo, dedicado a enaltecer e agradecer aos seus familiares e a pessoas importantes, os demais se situam como uma “[...] coleção de frases e parágrafos que se seguem de forma quase sempre desconexa e ainda sem qualquer unidade que justifique claramente a divisão dos capítulos” (ALMEIDA, 2011, p. 2). Com isso, a clareza deste discurso é a de se destinar a um sujeito moral capaz de se confrontar com as mais diversas realidades que o permeiam.

Conforme foi abordado, a obra “Meditações” retrata, numa visão periférica, aquilo que a vasta Filosofia Antiga já propusera, sem deixar de enaltecer as temáticas estoicas de valorização da indiferença, de modo que se pode afirmar que “a verdadeira filosofia, portanto, na Antiguidade, é exercício espiritual”¹⁸ (HADOT, 2014, p. 59), por moldar e explicitar o caminho capaz de desprezar as dificuldades da vida e alcançar a felicidade.

4 OS TRÊS TOPOI

O tema dos *Topoi* é um dado que remonta a Grécia Antiga, revelando a ideia de regra, propósito ou norma. Outra definição remete aos lugares-comuns que os filósofos usavam para formular suas doutrinas. Assim, por se tratar de um “molde” que abarca inúmeros estilos filosóficos, este está presente no estoicismo e é abordado como uma “procura de orientação moral, de uma conduta de vida que não tem já o seu centro e sua unidade

¹⁷ Essas características estão intimamente ligadas aos princípios das primeiras etapas do estoicismo, as quais estabelecem que a divindade é a providência imanente, sendo a própria natureza ou até o próprio destino. Um dos principais idealizadores destes princípios, e organizador, é Sêneca*(4 a.C. – 65 d.C.).

¹⁸ Exercício espiritual é um dos grandes temas trabalhados por Pierre Hadot. Nesse conceito, ele associa a filosofia a um modo de vida. Esses exercícios fazem parte das nossas experiências, de exercícios morais, não abarcando apenas pensamentos, mas a vontade do homem. São, portanto, exercícios que abrangem todo o espírito do homem.

na ciência, mas subordina a si a ciência como o meio ao fim” (ABBAGNANO, 2010, p. 11). Dessa forma, o *topoi* se dá como um método abrangente, que tem por finalidade abarcar as três grandes áreas do discurso filosófico: a lógica, a física e a ética.

Perante essa introdução, tem-se por necessidade ressaltar o campo cuja filosofia helênica se situava. É fundamental pontuar os inúmeros conflitos entre as próprias escolas de filosofia, uma vez que a abordagem de cada uma se diferia em certos aspectos das demais. Mediante isso, o epicurismo¹⁹, corrente contemporânea ao estoicismo, aborda certas temáticas de modo contrário às reflexões estoicas, gerando uma necessária firmeza no discurso dos seguidores de Zenão, principalmente, pelos epicuristas enaltecerem “[...] o valor primordial do prazer humano, definido como liberdade em relação à dor e ao medo” (TARNAS, 2001, p. 95). Esse contraste destas escolas filosóficas é essencial para as discussões que permearam as considerações de Marco Aurélio.

Com isso, o esquema de *Topoi*, geralmente abordado numa estrutura ternária, está vinculado ao domínio do exercício espiritual, pelo qual o filósofo deve se exercitar para viver uma vida justa e feliz. Essa estrutura não foi criada pelo imperador, ou seja, ele se apropriou deste modo de analisar o mundo elaborado, feito primordialmente pelas diatribes²⁰ de Epiteto, sendo este considerado o fundador deste processo. Dessa maneira, pode-se entender que Marco Aurélio é um “[...] discípulo consciente do escravo filósofo, o estoico Epiteto” (HADOT, 2014, p. 153).

Diante disso, pelo fato de Epiteto ser o primeiro a trabalhar o tema dos *Topoi*, ele traz um modo de analisar o mundo de maneira sistemática e concisa, de modo que suas reflexões abarquem todo o campo da realidade e da vida psicológica. Há uma interligação entre os campos de análise do mundo, tendo em vista a busca de fornecer uma solução para os problemas que a vida, durante seu percurso, oferece-nos. Essa vida complexa que o estoicismo busca trazer soluções está entrelaçada com a virtude de colocar

¹⁹ Epicuro de Samos (341 a.C. – 270 a.C.) apresenta um pensamento muito difundido no mundo antigo. Sua pauta está no prazer como início e término de uma vida feliz.

²⁰ Consideradas escritos morais de Epiteto, que, por não ter escrito nada, crê-se que esses foram escritos por Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega.

as coisas na perspectiva geral do curso da *physis*, de modo que, “para uma alma humana, o maior dos males auto-infligidos é tornar-se (podendo) uma espécie de tumor ou abcesso no universo” (AURÉLIO, 2002, p. 38).

Tendo em vista tais primícias, tem-se em conta que os *Topoi* implicam-se mutualmente, tendo entre eles uma estreita interdependência. O primeiro *topoi* abarca o tema do desejo e da física; o segundo aborda a tendência voluntária e da ética; e, por fim, o terceiro trabalha o tema da representação e da lógica. Essa relação do homem com ele e com o ambiente em que vive permeado de suas relações interpessoais faz de sua vida um verdadeiro exercício espiritual²¹, que, a partir do diálogo, encontra sua expressão mais profunda, pois “somente aquele que é capaz de ter um verdadeiro encontro com outrem é capaz de um encontro autêntico consigo mesmo, e o inverso é igualmente verdadeiro” (HADOT, 2014, p. 40).

4.1 Primeiro topoi: desejo

A primeira temática abordada por Marco Aurélio, em sua filosofia, associa diversos fatores externos e internos, tendo por objetivo enaltecer a filosofia e obter uma prática resolução dos problemas que cercavam sua conduta governamental.

O primeiro *topoi* está vinculado à natureza universal, ou seja, ele traz a necessidade de uma atitude, que se origina de uma reflexão anterior, diante das realidades externas, isto é, dos acontecimentos ditados pela ordem do cosmos. Essa causa externa que adentra o ser humano como um todo e requer deste necessariamente uma resposta recai na necessidade de que “é preciso acolher com alegria, com piedade e complacência tudo o que depende da natureza universal e só desejar aquilo que depende de nós” (HADOT, 2014, p. 151), confrontando-se aqui o tema do desejo, como uma contínua ausência, com o da ataraxia, que é a premissa universal estoica. Por não conseguirem se complementar, Marco Aurélio impõe que o primeiro seja controlado e domado pelos princípios do segundo, respectivamente.

²¹ Toda a filosofia de Marco Aurélio, associada à filosofia antiga como um todo, diante da visão de Hadot, está ligada a este termo de exercício espiritual. Expandem-se, assim, a uma filosofia meramente reflexiva, abrangendo as escolhas da vida, ou seja, a prática cotidiana como reflexo da reflexão feita.

Com isso, por se tratar de uma relação do homem com o ambiente externo, abarcamos a física para a análise. Os estoicos trazem o conceito de que existe um *logos*²² divino que, a partir do pressuposto de que todo universo seja matéria e não se expanda a outros planos metafísicos, haja essa necessidade de alguém governar e reger toda e qualquer natureza universal. A partir dessa premissa, o “[...] *logos* divino e o cosmos se misturaram numa relação de inseparabilidade, de modo que o próprio cosmos é intrinsecamente racional [...]” (ALMEIDA, 2015, p. 51). Tem-se que essa Razão Universal é a responsável pela ordem geral do cosmos e, sendo assim, todo desejo humano, necessariamente, precisa estar em acordo com a vontade natural e não almejar nada que a transcenda, ou seja, o homem sempre deve renunciar as coisas que não estejam em seu domínio, para conseguir vencer constantemente os sentidos que o interpelam e o prendem aos desejos que contrariam os princípios naturais. Dentro disso, desenvolve-se uma disciplina proposta por Marco Aurélio: desejar além de si resulta numa frustração constante e numa perturbação da alma. O modo correto de se situar neste primeiro *topoi* é “[...] amar igualmente tudo o que nos ocorre e não depende de nós” (HADOT, 2014, p. 159).

Aceitar a realidade tal qual ela é. Este é o aspecto que a física nos propõe. Abster-se das preocupações²³ é atitude crucial para o homem conseguir desempenhar essa proposta estoica. Logo, é necessário amar, pois a natureza ama a si mesma, e precisamos continuamente nos vincular a ela. Essa livre e consciente aceitação vincula o tema do destino, pois é a partir da consciência de que tudo decorre mediante a Natureza Universal que conseguiremos, com profunda liberdade, agir e viver conectados com este amor próprio do universo, que, numa relação de amor, desempenha as ações em favor de todo o cosmos. Aqui se desdobram os dois termos abordados neste *topoi*: disciplina dos desejos e natureza universal, pois

²² O tema do *logos* é essencial em toda a análise física que as escolas helênicas fazem. Para os estoicos, sendo tudo material, também este, como criador de tudo, possuiria uma capacidade racional originária.

²³ Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) já trabalhava essa ideia. Sua obra “Tranquilidade da Alma” relata como eixo central a ideia da necessidade de se abster de preocupações demasiadas e viver em paz consigo mesmo. Um destes pensamentos presentes na obra, por exemplo, é o de não morrer antes da morte.

só é possível desejar algo que possa ser dado pelos sentidos e que esteja, portanto, dentro dessa realidade presente na natureza.

Essa primeira temática trabalhada por Marco Aurélio remonta ao ambiente externo e às reflexões dialéticas internas provocadas por ele. O *logos* como um organizador da totalidade do Universo se apresenta como a racionalidade presente em todas as coisas existentes. Assim, a física como parte integrante do campo dos desejos precisa de um método de trabalho pelo qual as meditações relatem a intrínseca relação com o tema do exercício espiritual, sendo este o meio capaz de engrandecer a alma humana. Dessa forma, analisar os objetos e sua relação com o universo é preciso, pois, a partir desta comparação, é possível ver a pequenez que somos, diante do cosmos, e, assim, não viver como seres superiores à natureza, mas em conformidade com ela. Ele propõe ainda uma divisão do mundo em elemento causal²⁴ e elemento material²⁵, para que, numa análise minuciosa, seja possível se afastar das convenções humanas e ver o mundo nessa perspectiva cósmica.

Com isso, todas essas divisões estão permeadas da busca de refrear o estado de inquietação, que é condenado pelos estoicos. Essa disciplina dos prazeres tem por meta a necessidade remota de que

[...] o mais urgente deve ser o domínio (topos) dos desejos e aversões, pois é ele o responsável por nos purificar das paixões negativas, que nascem quando falhamos em encontrar o que desejamos ou caímos naquilo que buscávamos evitar (ALMEIDA, 2015, p. 48).

Diante disso, Marco Aurélio, sendo profundamente estoico, retrata essa tese da seguinte maneira: diante da natureza universal, o homem imprime uma mensagem a respeito de algum fator externo. Assim, ele associa esse dado externo no seu interior; ou seja, diante de sua imaginação, ele vislumbra a realidade a ele apresentada, despertando, assim, o seu desejo interno. O imperador, ao trabalhar essa temática, aponta para a grande

²⁴ Elemento causal: está associado a elementos que, numa ordem unidirecional, possa-se dizer que foi causado por algo. Aqui, faz-se presente claramente a relação causa-efeito.

²⁵ O estoicismo vê na natureza a nossa própria vida. Assim como a matéria é a base de todas as coisas, precisa-se continuamente analisar os elementos que formam cada objeto em si e seus desdobramentos.

necessidade imperativa de que “não te tornes presa fácil das primeiras impressões²⁶. Ajuda aqueles que precisam na medida das tuas capacidades e tanto quanto eles possam merecer” (AURÉLIO, 2002, p. 64), evidenciando outro tema que toma forma nessa análise externa, que é o da impressão.

A análise dessas impressões que chegam até o homem traz outra problemática, a qual recai sobre a questão do pertinente sentimento de perturbação que isso provoca no homem e, conseqüentemente, em suas ações diretas com o objeto analisado e com a sua consciência – nesse ponto, fica evidente o profundo interligamento que os três *topoi* possuem. Com isso, é preciso pontuar que

[...] não são as coisas que nos incomodam, mas as representações e imagens mentais que fazemos do que acontece conosco. A partir desses julgamentos ou representações mentais surgem depois o desejo ou aversão e o impulso da ação (LUIS, 2019, s.p.).

O tema do desejo é fundamental em toda a história da filosofia. Muitos são os filósofos que se dedicam a essa temática. Platão, como filósofo anterior a Marco Aurélio, em “O Banquete”, já mencionava essa temática também, porém, vinculando o desejo ao tema do amor e sendo este o único capaz de suprimi-lo e completá-lo, pois “o amor é desejo do belo, do bem, da sapiência, da felicidade, da imortalidade, do Absoluto” (REALE; ANTIRESE, 2017, p. 153).

4.2 segundo *topoi*: tendência voluntária

O segundo tema abordado por Marco Aurélio é o da ética. Essa temática é parte necessária de toda reflexão filosófica, pois, após a relação com o cosmos, é proposto a nós, como condição de sobrevivência, a relação com os demais, uma vez que “a sociedade humana é um dado da natureza” (GRIMAL, 2018, p. 32).

O relacionamento interpessoal é trabalhado em temas até hoje, abrangendo diversas áreas do conhecimento. O tratamento dos outros envolve e

²⁶ O tema das impressões ganha destaque em todos os períodos da história da filosofia. Hume (1711-1776) o associa aos contatos sensoriais com os objetos. O estoicismo parte dessa ideia, englobando, porém, as demais áreas em que esse contato externo atua na vida do homem.

exige do ser humano uma ação que parta de sua alma racional. Aqui entra o campo da tendência voluntária (*hormé*), em que há a ideia da preparação para a ação, ou seja, trazer ao homem a necessidade da reflexão para “não se deixar levar por vontades desordenadas” (HADOT, 2014, p. 152). Dessa maneira, a ética em Marco Aurélio busca gerar uma atitude que refreie a tendência que não esteja a serviço da comunidade e em conformidade com a comunidade, almejando obter a justiça como plano de toda ação.

No primeiro *topoi*, há uma visão a respeito do tema da natureza universal e, unidos a ela, os temas próprios da física. A partir desta análise, há uma reflexão sobre a ação do homem em sua relação com os demais, pois “o ser humano pode agir de diferentes maneiras, mas deve agir eticamente” (MARCONDES, 2007, p. 10). Não obstante, o amor se pontua como uma condição crucial para tal realidade. A princípio, Marco Aurélio já traz uma consideração fundamental: há uma interdependência entre todos os seres humanos, ganhando aqui “[...] uma tonalidade afetiva: é preciso amar os outros homens de todo o coração [...]” (HADOT, 2014, p. 163). O amor está presente como uma condição universal que coloca o homem na condição de servo de todos, incluindo os que não estão ao nosso lado ou que não concordemos com suas posições.

Cabe ressaltar que a ação deve estar em acordo com a natureza, como já foi levantado, pois é nela que está toda a manifestação do *logos*. Com isso, tendo presente essa natureza racional que une os seres humanos, é preciso agir em prol do bem de todos, nem que para isso seja necessário se sacrificar ou sofrer certos danos. Aqui o estoicismo introduz um termo – *Oikéiosis* – que seria um princípio necessário para as relações interpessoais, ou seja, é necessário se apropriar de si mesmo, conhecer-se e se amar para poder se relacionar com os demais. Uma “relação” consigo mesmo. Aqui entra a premissa máxima: faz-se necessário ter uma armadura de ataraxia, para que, num futuro contato social, não haja prejuízos a nenhum dos envolvidos no discurso. A consciência desta ação que depende de nós é trazida pelos estoicos como premissa basilar para que, na relação com o outrem, que acaba englobando o subjetivismo dele e, conseqüentemente, o indeterminado para nós, não nos cause espanto ou perturbação, mas alegria e paz de alma.

Ademais, nossas relações devem ser permeadas por ideais de justiça e não por ideais particulares que são preenchidos de interesses pessoais. A justiça, tema tão caro à filosofia grega, no desenvolvimento da *polis*, deve conduzir as nossas ações e nossos empreendimentos. Essa disciplina de nossas ações também precisa ter sempre como pressuposto que na “[...] maioria das nossas decisões e empreendimentos não é possível ter certeza de que fizemos a melhor escolha” (ALMEIDA, 2015, p. 58). Com isso, em muitas situações, necessita-se de certo sentimento de indiferença que conduza à tranquilidade da alma, e não ao desprezo dos demais, uma vez que a primazia da vida comunitária está sempre antecedida por uma reflexão anterior, cuja prática se volta para a capacidade de ir ao encontro dos demais.

Para os estoicos, portanto, “a ética é pensar, sentir e agir na mesma direção, desde que tudo isso nos humanize” (LUIS, 2019, s.p.), ou seja, a ética conduz o homem à virtude e o afasta dos vícios. A meditação inicial é formada a partir de princípios, pelos quais se faz necessário ter uma intenção justa, sendo que nossas tendências precisam estar organizadas a fim de que nossas ações estejam ordenadas e racionais. Esse pensar, como atitude primordial, previne as atitudes puramente instintivas que temos e que contrariam o ideal das ações apropriadas²⁷. Após essa meditação inicial, o homem precisa sair de si e ir ao encontro dos outros, porém, de uma maneira profundamente humana, de modo que, apesar das diferenças existentes, seja capaz de auxiliar e conformar as dificuldades existentes nesse ambiente social. Marco Aurélio deixa claro esse trajeto ético ao afirmar que: “Não haja nos teus atos má vontade, nem egoísmo, nem falta de exame, nem contrariedade” (AURÉLIO, 1973, p. 280).

4.3 Terceiro *topoi*: representação

O terceiro tema do imperador é a relação consigo mesmo, perpassando, assim, os três campos da vida humana e de suas respectivas relações.

²⁷ Zenão, como fundador da escola estoica, introduz um outro termo para designar essa ideia de apropriação das ações, que é o de *kathekonta*. Este pode ser traduzido como “comportamento adequado”, “ações condizentes” ou “ação conveniente para a natureza”, vinculando este tema ao primeiro *topoi*.

Este *topoi* se situa no âmbito do pensamento do homem, ou seja, no juízo que ele realiza em detrimento de si e dos outros campos já apresentados. Essa relação do homem com todos os campos que ele está presente traz a ideia de julgar as realidades externas de forma crítica e, dessa forma, não ser levado por ideologias ou doutrinas próprias que interfiram na relação dele com o cosmos, com as mentes racionais e consigo mesmo. Essa análise é feita no interior do homem, isto é, vincula-se aos assentimentos que nós mesmos fazemos das situações e ao discernimento que devemos realizar diante dos acontecimentos diários da vida.

No campo da alma, essa regra associa-se à representação (*phantasia*), correspondendo, portanto, à necessidade de um “bom uso das representações e uma disciplina do assentimento” (HADOT, 2014, p. 152). Almeja-se, assim, analisar o que é tido por verdade, aliado ao problema da precipitação no juízo. Dessa forma, por trabalhar a estrutura do pensamento, o estoicismo utiliza-se da lógica neste terceiro *topoi*. Diversas vezes o homem está refém dos seus próprios pensamentos, que o acorrentam e o impedem de avançar e progredir. Tais cadeias vinculam, por vezes, realidades que estão fora do alcance humano, e, com isso, a ataraxia, necessariamente, neste *topoi*, faz “a sua morada”.

Dois são as situações que nos permeiam: as que dependem de nós e as que não dependem de nós. Essa análise é crucial para as reflexões que advêm a partir disso. Na lógica clássica, proposta por Aristóteles no *Órganon*, há sucessivas considerações que partem dos termos até se chegar aos silogismos. Dentro desta organização, os juízos se situam como uma relação entre conceitos que se formulam no pensamento a partir de interações objetivas, gerando, conseqüentemente, ao se redigir tais ideias, obter as proposições. Com isso, ao se captar um dado externo, formula-se pela razão um juízo inicial. Logo, obtém-se a impressão, mediada pelo juízo de valor. Assim, almeja-se com este movimento da alma do homem, que, tendo em vista uma situação externa, projeta-se, mediante sentenças, a uma impressão, obter um resultado mais consistente sobre as coisas. Este valor impresso tem como sua máxima característica a veracidade, ou seja, “a virtude fundamental que ele propõe é a verdade, entendida como retidão do pensamento e do discurso” (HADOT, 2014, p. 165) e, como tal, almeja

escapar de toda a mentira que possa estar deformando a capacidade de julgar do homem.

Essa disciplina do *logos* interior, isto é, da maneira com que eu avalio as realidades externas, desemboca numa ação posterior, englobando, assim, os outros Topoi. Esta representação feita pelos sentidos precisa estar predita por uma reflexão, de modo que não cause perturbação para o homem, pois é neste ponto que surgem as dificuldades, por se “[...] atribuir precipitadamente valores positivos ou negativos às coisas indiferentes” (ALMEIDA, 2015, p. 47). Diante disso, a disciplina do assentimento presente neste terceiro tema vincula uma crítica ao próprio ato de julgar. Este ato deve passar constantemente por um ato purificador, com o intuito de não ser influenciado por decisões dos outros, mas de acordo com a própria razão. Com isso, há, na representação, uma ação interna do homem em discernir a realidade e ver o que falsamente é apresentado. Retirar-se-á, assim, tudo aquilo que pode deformar a verdade enquanto tal.

Este ato interno preliminar que repercute com o tema da verdade diretamente se associa à ideia de que “desejar aquilo sobre o que temos controle e manter-nos indiferentes (*ataraxia*) sobre o que não depende de nós será, para os estoicos, a chave de uma forma de vida harmoniosa e feliz” (RUIZ, 2015, s.p.), englobando, portanto, as três áreas abordadas por Marco Aurélio. Assim, sendo toda ação concreta, deve ter como premissa fundamental este ato mental, dentro das regras lógicas, capaz de refrear uma atitude incorreta e gerar uma felicidade no homem, não “acorrentado” nas dificuldades pessoais ou coletivas. Dentro deste contexto grego antigo, de maneira particular, sob a influência de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), obter a “*philia*”²⁸, como virtude ético-política, implica a harmonia de cada um consigo mesmo e a subordinação ao interesse comum que alicerçam a justa realização da *polis*” (HUMMEL, 2005, p. 42).

Ademais, esse tema impõe uma disciplina externa, tal como uma mudança do comportamento, mediante um esforço pela retidão de pensamento,

²⁸ *Philia*: é um termo retirado de “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, e é visto como a vivência da amizade ou do próprio amor dentro da escala apresentada pela filosofia grega: Eros, *Philia* e *Ágape*.

pautada sempre pela verdade²⁹ e pela conformidade com a natureza universal. Marco Aurélio, ao ser este grande incentivador das escolas filosóficas e implementador delas em seu governo, busca estimular esta capacidade própria do filósofo, cuja finalidade está em que “basta o juízo evidente do momento, a ação de interesse social do momento, a disposição do momento, de bem acolher todo acontecimento produzido pela causa exterior” (AURÉLIO, 1973, p. 312). Ser justo em relação aos homens e seguir os deuses, por meio de uma ordem interna: eis a meta do homem virtuoso.

5 CONCLUSÃO

Diante do tema apresentado, tendo como base a figura de Marco Aurélio, considerado como o imperador filósofo que não só aderiu ao estoicismo ao escrever as suas “Meditações”, mas o promoveu, almejando seu desenvolvimento e seu ápice reflexivo e prático, tem-se que, ao apoiar o desenvolvimento desta corrente, sua vida política é submersa em princípios éticos, lógicos e físicos que os helênicos trouxeram como fundamentação da vida humana.

O sistema terciário de *Topoi* engloba estas três áreas de atuação e reflexão da escola estoica: a lógica, a física e a ética. Assim, a reflexão visa à ação, e estas estão nitidamente presentes na vida do homem. Dessa forma, Marco Aurélio introduz importantes reflexões que emanam destes princípios e abrangem a universalidade das relações do homem, uma vez que todo o cosmos para o estoicismo está presente dentro da concepção material. A filosofia exposta nestes princípios se dá, principalmente, pela imperturbabilidade que está vinculada ao tema da ataraxia, com a contínua extirpação das paixões e a aceitação serena e fiel do destino universal como marca fundamental do homem sábio. Este homem sábio possui aquilo que, com tanta ênfase, os gregos antigos propuseram, que é a virtude. Assim, o homem virtuoso se caracteriza pelo ser que, nas suas condições de vivente,

²⁹ A verdade é um grande questionamento neste período. As escolas helênicas pautam de diferentes maneiras o tema da própria verdade. Uma das escolas fundadas nesse período é a do mártir Justino (100 d.C. – 165 d. C.), pelo qual acreditava que o *logos* seria Cristo, e a plenitude da verdade estaria no Cristianismo.

almeja estar sempre em estado de profunda felicidade, tendo em vista os destinos proporcionados pelas três áreas principais da vida: o contato com o cosmos ou natureza universal que está vinculado ao *logos* e ao tema do desejo a partir desse ambiente externo, o relacionamento interpessoal e todas as suas temperanças, ou seja, as tendências voluntárias, e, por fim, essa relação pessoal, própria da análise do pensamento e do juízo que fazemos das coisas, sempre permeada pelo tema da Verdade e da inteligência humana.

Em conclusão, o estoicismo se situa como essa corrente da Filosofia Antiga dentro do contexto do helenismo e da popularidade que as escolas de filosofia ganham no Império Romano, sendo essa, inclusive, a adotada pelo governo de Marco Aurélio. Este escreve suas “Meditações” como um dos principais manuais da própria corrente estoica. Não obstante, essa busca por uma filosofia como modo de vida permeia toda a sucessão histórica que sucederá as reflexões e constituições medievais, fazendo do estoicismo um pilar filosófico e uma meta do homem, pela qual o ente deixa o plano meramente individual em que se vive e, ao aderir à filosofia estoica, almeja aderir a um estilo de vida consciente de ser e de se portar no mundo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*: volume 2. Lisboa: Editora Presença, 2010.

ALMEIDA, Henrique Castro. *Arte do viver e exercícios espirituais e, Epicteto e Marco Aurélio*. 2015. TCC (Bacharel e Licenciatura em Filosofia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6827/Arte%20do%20viver%20e%20exerc%3%adcios%20espirituais%20em%20Epicteto%20e%20Marco%20Aur%3%a9lio.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 maio 2021.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Espinho: s.n. [versão online], 2002.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. [Coleção os Pensadores]. São Paulo: Editora Nova Abril, 1973.

CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. A porta e o jardim: uma introdução ao Epicurismo e Estoicismo da Grécia Pós-Socrática. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET*, Rebouças, n. 7, jun. 2014. Disponível em: <https://>

www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n7/ARTIGO-UIPIRANGI.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

COSTA, Alex Aparecido da; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Aspectos do estoicismo romano sob os Júlio-Cláudios, Flávios e Antoninos. *In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS*, 12.; JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 4., 2013, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: Ser, Saber e Fazer*. São Paulo: Editora Saraiva, 1996.

FERACINE, Luiz. *Sêneca: filósofo estoico e tutor de Nero*. São Paulo: Editora Escala, 2011.

FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Editoria Agir, 1964.

GRIMAL, Pierre. *Marco Aurélio: o imperador filósofo*. Editora: Zahar, 2018.

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Editora: É realizações, 2014.

HADOT, Pierre. *La ciudadela interior: introducción a las Meditaciones de Marco Aurelio*. Barcelona: Alpha Decay, 2013.

HUMMEL, Charles. A filosofia como arte de viver: os desafios do cosmopolitismo antigo na era da globalização. *Filosofia - Revista da faculdade de letras da Universidade do Porto*, Porto, v. 22, 2005. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/filosofia/article/view/501>. Acesso em: 15 maio 2021.

LUIS, Sofía. *Meditaciones de Marco Aurelio, la vida interior del emperador. Esfinge* [online], Bruxelas, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistaesfinge.com/2019/12/meditaciones-de-marco-aurelio-la-vida-interior-del-emperador/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

NOVAK, Maria da Gloria. Estoicismo e Epicurismo em Roma. *Letras clássicas*, São Paulo, n. 3, 1999.

REALE, Giovanni; ANTIRESI, Dario. *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. [volume 1]. São Paulo: Editora Paulus, 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia Antiga I*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

RUIZ, Castor Bartolomé. A Filosofia como forma de vida: Pierre Hadot, a filosofia antiga e os exercícios (askesis) do espírito. *Revista do Instituto Humanitas da Unisino – IHU*, São Leopoldo, edição 461, 23 mar. 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5838-castor-bartolome-ruiz-17>. Acesso em: 4 maio 2021.

TARNAS, Richard. *A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.